



Suplemento infantil do jornal

ANO XIV

O SECULO

N.º 726

O GATARRÃO
GULOSO E O
RATO HABI-
LIDOSO ★ ★ ★

Por MARIA FREDERICA

UM certo gato vivia em casa dos donos, muito bem tratado; tinha belo hofe para comer e tudo quanto queria, mas, a-pesar disso, gostava, de quando em quando, de ir jantar fóra.

Uma vez que isso lhe apeteceu, saiu às escondidas e foi à procura de petisco que lhe cheirasse bem. Dirigiu-se para um jardim que perto havia e, quando ia a passar junto de uma arvore, viu um ratinho entrar para dentro de um buraco no tronco.

Escondeu-se numas ervas e esperou. Dai a pouco, o ratinho saiu, o gato deu um pulo, caiu-lhe em cima e ia já engulfi-lo, quando o rato lhe disse em voz muito afliita:

— «Senhor Gato, não me coma que eu arranjo-lhe todo o peixe que quiser e do mais fresco que se pode encontrar». O gato achou que valia a



pena experimentar se o ratinho falava verdade e disse-lhe: — «Está bem; não te como, mas só se me trouxeres tanto peixe que não caiba na minha barriguinha.»

Foram, então, os dois até à borda de um lago. O Ratinho mergulhou e daí a instantes, punha um lindo peixe diante do focinho do gatarrão que depressa o enguliu. Assim continuaram o rato a mergulhar e o gato a engulir peixes, até que este disse: — «Basta, basta; já não me cabe nem mais uma barbatana.»

— «Então, senhor Gato, — disse o ra-

tinho muito contente — já me posso ir embora?»

— «Não, não; que eu só comi o prato de peixe, agora quero o da carne.»

E o gatarrão foi andando, com o ratinho, a tremer, ao seu lado, porque pensava se seria ele o prato de carne que ao gato apetezia. Nesta ocasião, ouviram o chilrear de muitos passarinhos poisados num carvalho ali perto; o gato encaminhou-se para lá e quiz trepar à árvore, mas estava tão pesado de tanto peixe que tinha comido, que escorregava pelo tronco abaixo. Mandou, então, o ratinho subir. Este chegou lá a cima, deu uma dentada num passarinho que caiu e foi logo engulido pelo guloso gatarrão. Assim foi fazendo, até que o gato lhe disse que descesse, que não queria mais pássaros. O ratinho veio, com toda a pressa por aí a baixo, certo de que, desta vez, se podia ir embora. Então, o gato disse-lhe:

— «Agora quero o doce, para terminar o meu jantar. Vê se me trazes uns bolinhos de areia, como aqueles que se fazem em Cascais.»

O pobre rato ficou atrapalhadíssimo. Onde iria ele, agora, buscar bolinhos? Encontrou, por sorte, um castor que estava a amassar terra para a sua casa e praguejou-lhe se ele era capaz de lhe fazer uns bolinhos de areia. O castor, como boa pessoa que era, fez-



(Continua na página 6)

«POMPOM», cavalo de guerra

◆◆◆ Por VIRGÍNIA LOPES DE MENDONÇA ◆◆◆

VOU-LHES contar um caso verdadeiro, sucedido há pouco tempo na aldeia de Chateauf-neuf-sur-Loire.

Uma velha camponesa que all vivia, só tinha um amigo: o seu cavalo «Pompom.»

Mas o «Pompom» foi mobilizado e a velhinha chorou muito tempo, no limiar da porta, ao vê-lo desaparecer.

Depois, corajosamente, pôs-se a caminho de Orleans, com o chapéu de chuva debaixo do braço e um pedaço de pão com queijo, na algibeira do avental.

Patmilhou uns quarenta quilómetros, distância que separa a aldeia da grande cidade.

Não a movia a intenção de reclamar o cavalo; o seu fito era outro. Queria, unicamente, saber a que mãos elle teria ido parar e se o seu novo dono o trataria bem.

Era já sol posto, quando, finalmente, chegou a Orleans, morta de cansaço,

com os pés doridos e muito inchados.

No «boulevard de la Motte-Sanguin» estava uma data de cavalos, roendo a erva que crescia entre as pedras.

Estava escuro, porque as arvores altas formavam all uma espécie de túnel. A velha camponesa procurou o seu «Pompom», chamando-o, docemente, com a voz trêmula, velada.

Alguns cavalos levantaram a cabeça, ao ouvi-la, mas olharam-na com indiferença e continuaram logo a fochinar no chão, esfregando as ferraduras contra as pedras.

Nenhum deles era o «Pompom.»

Onde pararia elle?

Como é que o havia de encontrar, na escuridão da noite, cada vez mais cerrada?

Aproximou-se duns soldados e interrogou-os.

—Misturámos todos os cavalicoques, os de «Chateauf-neuf», os de «Saint-Benoit», os de Beaugency», de «Jargeau» e de «Cléry»...



Mas ela não desistiu.

A sua voz débil, continuou a chamar sempre: «Pompom!» «Pompom!» E, por fim, um alegre relincho lhe respondeu. «Pompom» está all, a dois passos dela, olhando-a com os seus grandes olhos amigos.

Então, a sua velha mão enrugada, acaricia-lhe as narinas, as ancas e o lombo.

Com mil carinhos, deu-lhe o quinhão de pão e três torrões de açúcar que trouxera, propositadamente, para elle.

Foi depois perguntar a um tratador:

—Diga-me, se faz favor, o meu cavalo será bem tratado? O seu dono será bom para elle? Para onde é que o levarão?

O soldado nada sabe.

Mas, adivinhando a dor da pobre velha, com firmeza respondeu:

—Vá descansada, mulherzinha! O seu «Pompom» é dum tenente muito novinho. Amanhã partirá, montado nêle, para Tours.

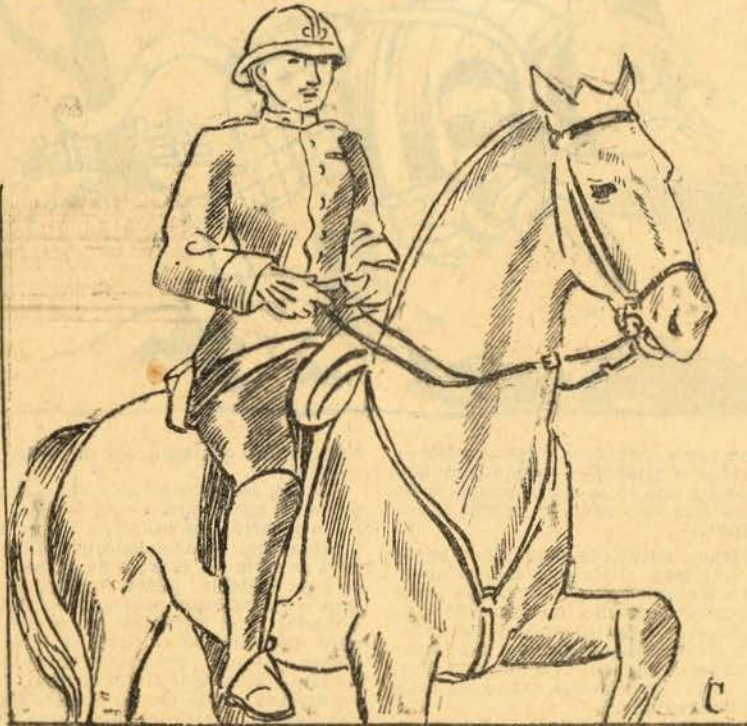
—Um tenente! O meu «Pompom», será um cavalo de official. Estou muito contente! Deu-me uma boa noticia! Venha daí, quero oferecer-lhe um copo de vinho.

A velhinha passou toda a noite sentada num banco do «boulevard», ao pé do «Pompom».

Na madrugada seguinte, partiu para Chateauf-neuf, onde o rio «Loire» é tão lindo e o céu dum azul tão suave.

Todo o caminho foi repetindo:

—Um tenente novinho pesa tanto como uma rapariga... O meu «Pompom» será feliz e certamente tornarei a vê-lo. Tenho muita sorte... muita sorte...



NATAL ◆ Por ALBERTO NEVES

NO seu solar,
Tão bonito!
Eis a brincar
O Pedrito.

E no seu lar
Pobrezinho,
Eis a chorar
O Martinho.

Que contraste!
— Pedro é nobre,
Mas o Martinho
E' tão pobre!

O Pedrinho
Vive bem;
O Martinho
Nada tem...

Porque será
Que esta vida
Assim 'stá
Mal dividida?...
— Martinho,
Pelo Natal,
Chora...
Porquê, a-final?

E' que o garoto
— Coitado!
Quería ser
Contemplado...
... Então vai ter
Com Pedrito,
Que brinca
Todo bonito,

...

E pede-lhe,
Quási a medo,
Que lhe ceda
Um só brinquedo...

Diz-lhe o Pedro
Que bom é:
Põe o sapato
Na chaminé.

Faze como eu,
E verás
Que alguns brinquedos
Terás...

Não deves
Perder a fé...
— Põe teu sapato
Na chaminé.

Jesus
E' nosso amiguinho...
Sê bom e crente
Martinho!...

O bom Martinho
Assim fez,
E brincou
Teve três...

—E' que o Menino Jesus,
Sempre bom, pelo Natal
Não se lembra só dos «ricos»,
Pois também aos pobres vale.

Fim

Consequências da vaidade



◆ ◆ Por FELIZ VENTURA ◆ ◆

CERTA menina Mosquinha era mesmo maluquinha. O que qu'ria era dansar. A mãe, velha varejeira muitas vezes lhe dizia: «Minha filha, tem cuidado, pois que assim, dessa maneira, pode a sorte, que é matreira a menina castigar.

Mas a Mosquinha, doidinha, dizia com ufania: — «O' mãe, que mal pode haver em eu vos querer mostrar o meu tão lindo bailar? Ora veja que beleza de compasso tão bem dado! Tudo de mim tem inveja e fica maravilhado. Só acho pouco decente

o sítio onde nós moramos. Que reles água furtada!



Nem posso ser admirada. Os moveis desconjuntados que aqui estão abandonados nem, sequer, em mim reparam! Passam o dia falando do tempo que já passaram.

Por isso vou viajar. Disse-me, ali, a Ratinha que num país — a Cozinha — onde há gente de valor, hei-de ser bem recebida, mesmo bastante admirada, e terei, sem me ralar, vida farta e descansada.

Entretanto, a Varejeira exclamou, toda a tremer: — «Minha filha, não te iludas, vê onde te vais meter. Essa cozinha maldita já me pôs a mim aflita e fez o teu pai perder.

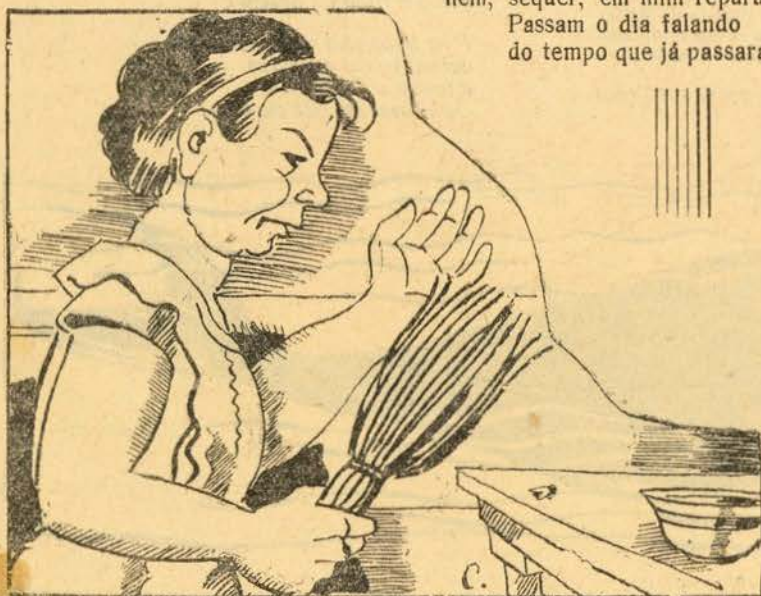
Não te fies em ninguém. Deixa-te ao pé de mim estar. Se partes, deixas um bem que jamais hás-de encontrar!

E querem vocês saber o que à môsa acnteceu? Riu-se da mãe Varejeira, e, seguida da Ratinha, caminhou tôda contente em direcção da Cozinha.

Quando andava já bailando em volta da cozinheira, esta diz: — «Que porcaria!... Não posso estar descansada! Que maldita bicharia!»

E, dentro em pouco, a mosquinha, pela vassoura apanhada, foi logo, sem dó, lançada no caixote da cozinha.

Há muita gente sem tino Que pretende erguer a voz, Sem se lembrar que o Destino Tem mais poder do que nós.



A CURA DO BALEOTE

por LEONOR DE CAMPOS

DONA Baleia resfolgava fortemente, aflitivamente, fazendo um ruído atroador. Todos os peixes que passavam, admirados, voltavam as cabeças.

— «Que terá Dona Baleia?»

Mas não se atreviam a aproximar-se, com receio de apanharem uma pancada valente da cauda de Dona Baleia.

Mas a menina Sardinha, alrosa e pequenina, não lhe sofrendo o ânimo ver alguém aflito e não tentar valer-lhe, aproximou-se dela.

— «O que tem, Dona Baleia? — gritou, engrossando o mais possível a sua voz fininha. Porque sofre? Poderei aliviá-la?»

A interpelada parou um instante de resfolgar, olhou em volta, e, ao ver a menina Sardinha, respondeu, amável e agradecida:

— «Obrigada pelo seu interesse. Mas para o mal que me apoquento, não há remédio.»

— «E pode saber-se qual é?»

— «Vou dizer-to. O meu filho Baleote era uma criança robusta e saudável. Mas há algum tempo começou a enfraquecer, a enfraquecer... e agora...»

O meu filho Baleote
não presta mesmo p'ra nada...
Está raquítico, enfezado,
só pesa uma tonelada...

E a pobre mãe soluçava, perdidamente.

Menina Sardinha limpou uma lágrima com as barbata-
nas e perguntou:

— «Já o levou ao médico?»

— «Ainda não!...»

— «Então, apresse-se. Vá consultar o dr. Elefante Mari-
nho que é médico de valor e, por certo, curará o seu
menino...»

Dona Baleia agradeceu à Sardinha o conselho e logo se
pôs a caminho das regiões polares, levando a reboque o seu
filhinho.

Apenas chegou, tratou logo de consultar o médico. Este
auscultou o doente, examinou-o e receitou:

— «O seu estado
é muito mau!...
Tome Óleo de Fígado
de Bacalhau!»

Dona Baleia pagou a consulta e foi imediatamente aviar
a receita.

O Baleote começou a tomar o Óleo de Fígado de Baca-
lhau. A princípio protestava, gritando que sabia mal. Mas
a mãe não fazia caso dos protestos e, por fim, o pequeno lá
se habituou.

Foi remédio abençoado. Semanas depois, parecia outro o
Baleote: Tinha crescido e engordado.

Certo dia, pas-
seava a menina
Sardinha descul-
dadamente,
quando sentiu o
refolgar apressado
de Dona Baleia.

— «Sardinha
querida: — Venho
agradecer o teu
conselho. Levei o meu filho ao médico que me indicaste. E
o pequeno está curado. Imagina tu que já pesa dez tonela-
das e meia! Não é muito para uma baleia, é certo — aqui,
onde me vês, peso cento e dez toneladas — mas já não é
mada mau! E a ti o devo, minha querida!»

E Dona Baleia, comovida, chegou a bocarra à pequenina
cabeça da sardinha e, com muito cuidado para a não ma-
goar, deu-lhe um beijinho repentado.

Depois, afastou-se aos saltos, a dansar animadamente,
sem se preocupar com o espanto que a sua atitude causava
aos peixes que a rodeavam. Então, um deles, carapau estú-
pido, comentou:

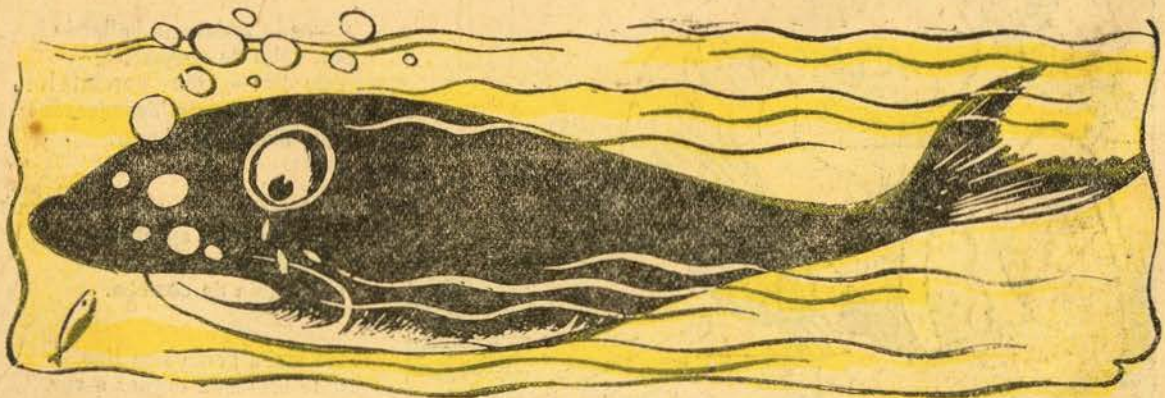
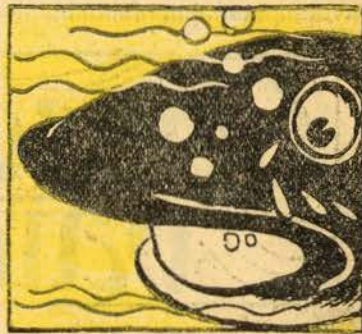
— «Dona Baleia
ensandeceu!
Desgraçadinha!
Está a saltar
e a pular
como a Toninha!...»

Mas a Sardinha explicou:

— «Nada disso, amigo!
Eu vou explicar
o motivo
dêste baile singular.
É que o belo Baleote
— filho da Dona Baleia —
está já tão forte que pesa
dez toneladas e meia,
porque tomou,
— dom carapau —
Óleo de fígado
de bacalhau!...»

*Não qu'reis pesar, certamente,
dez toneladas e meia!
Mas qu'reis ser fortes, robustos,
como o filho da baleia!*

*P'ra isso, queridos pequenos,
deixai tréts e tinéts
e tomai o Óleo amigo,
Sem fazerdes mil caréts!*



REZA DO ANO NOVO

por S. R.

QUE o Novo Ano me traga
muita Ventura, muitas alegrias
e a Deus prometo, em paga,
das suas concessões e regalias,
manter uma conduta modelar,
usar boas maneiras, não mentir,
respeitar os velhinhos e estudar,
estudar com afinco, para vir
a ser, um dia, um homem, homem
útil
a mim próprio e aos outros, à Na-
ção!



E não
uma pessoa fútil
e inconsciente
como tantas há!

E que Nosso Senhor encha da sua
luz
nosso lar, dê saude à Mamã e ao
Papá...
Pelo Sinal ✠ da Santa Cruz,
Amem!



O PARDAL E A PÊGA

por LAURA CHAVES

que um figo surripiei
quando é mentira infernal!...
Foi no chão que o encontrei.
Eu juro, em vossa presença,
— e ergueu a pata no ar —
de que há grande diferença
entre o roubar e o achar.»
Numa enorme chifrineira
grita o pardal:—«Intrujona!
Vi-o roubar da figueira
por essa pêga lambona»

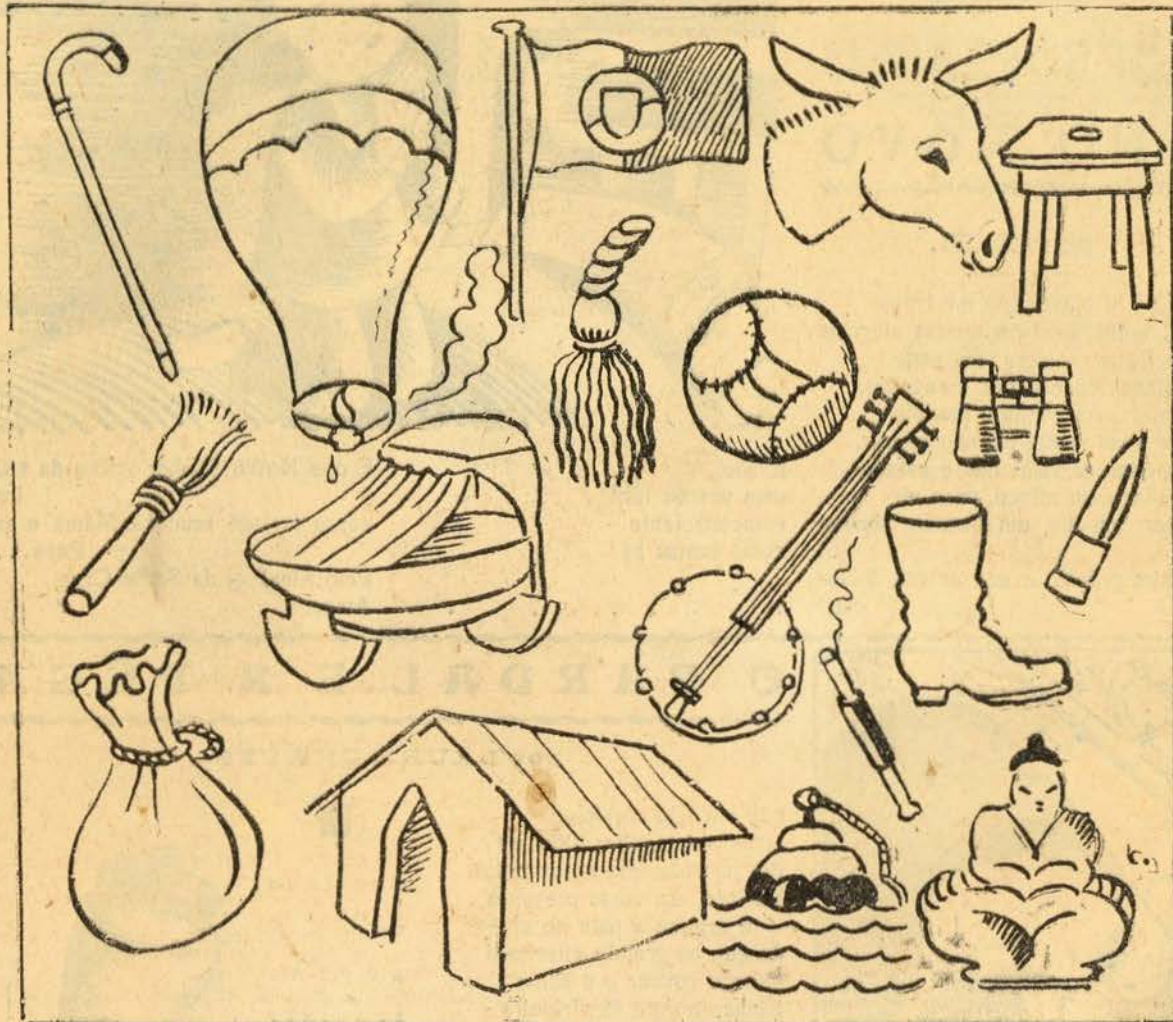
Continua
na
página
seguinte

EM todo o reino animal
houve grande sarrabulho.
Fôra um danado pardal
a causa dêsse barulho.

Entre pios e entre berros
já estava prêso na esquadra.
Tinham-no até posto a ferros
por chamar à pega, ladra.
A austera D. Perdiz,
cheia de tino e razão,
foi nomeada juiz
para julgar essa acção.
Mandou chamar a queixosa
que quasi teve um fanico,
a chorar, tôda nervosa,
limpava ao lencinho o bico.
Disse assim:— «Senhor Doutor,
que acusação infundada
a dêsse difamador!
Porque eu cá, não roubei nada!
Pois afirma êsse pardal



UM JÓGO DE OBSERVAÇÃO



Em virtude do manifesto agrado que obtiveram os jogos de observação que temos publicado neste suplemento, oferecemos hoje aos nossos amiguinhos mais êste, que consiste em fixar, **durante 3 minutos**, a gravura à vista e na qual figuram vários objectos

que principiam pela letra B. Decorridos os 3 minutos, voltarão a gravura e tratarão de reproduzir, **de memória**, os mencionados objectos.

Saírá vencedor, claro está, aquele que tiver conseguido mencionar maior número deles.

O GATARRÃO GULOSO E O RATO HABILIDOSO

(Continuado da página 1)

lhe os bôlos e pô-los num carrinho para o rato levar ao gato guloso.

— «Senhor Gato, aqui tem o doce do seu jantar». Disse o ratinho. Entretanto, foi-se afastando, cautelosamente, com medo que o gatarrão lhe desse alguma patada, pois os bôlos não tinham açúcar.

O guloso começou a comer muito depressa mas quando se encontrou com a bôca cheia de areia, que não podia engulir nem lhe saía da língua, por mais que sacudisse a cabeça, desatou a correr, a correr muito desesperado e nunca mais ninguém o viu.

E todos os ratos, peixes e passarinhos daqueles sítios, acharam muita graça à boa partida que o ratinho habilidoso soube, por fim, pregar ao gatarrão maldoso e gulotão.

O PARDAL E A PÊGA

(Continuado da página 5)

Houve, então, grande escarcéu, uma grande berraria, um «dize tu, direi eu» e já ninguém se entendia.

Até que o doutor juiz, muito severo, iracundo, pela escritã codorniz mandou calar todo o mundo.

Disse o juiz: — «Sem tardança, a Verdade sempre chega.

Não me inspirem confiança nem o pardal, nem a pêga.

Dá-se êste caso afrontoso

que é preciso bem frisar: «como é que êsse criminoso tem bico para falar?

Se a pêga roubou o figo, ouçam-me bem, — animais! — êle rouba grãos de trigo, logo, êles dois são iguais.»

Tu, que me lês, pensa bem: por dever e por coerência, antes de falar de alguém, mete a mão na consciência.

Secção de Bordados e Arte Aplicada

Por ARLETE LOPES NAVARRO

COREOPLASTIA

Há vários trabalhos em Coreoplastia: Há o trabalho vincado, o couro tostado, o couro pirogravado, o couro «repousé» e o trabalho a «matoir». O modelo n.º 1, é um dos lados duma tabaqueira ou cigarreira que, depois de executadas, podereis oferecer ao vosso Paizinho, como presente de anos. O n.º 2 é feito em couro vincado.

Primeiramente escolhe-se uma boa pele e fixa-se com uns «punhais» a uma mesa ou a uma tábua, própria para estes trabalhos. Com um pano molhado, humedece-se a pele até que esteja bem húmida, tornando-a mais escura. Coloca-se o desenho sobre a pele e, com um ferro vincador, fazem-se os traços do desenho, vincando

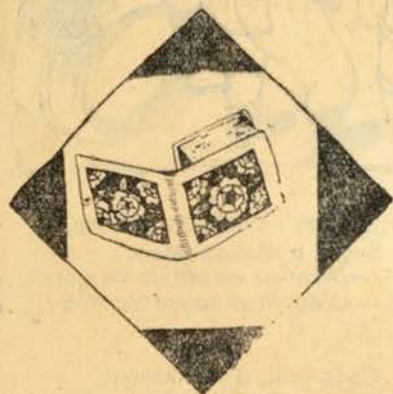


Fig. N.º 2 -

sempre, do centro para fóra. Depois do desenho marcado, molha-se novamente a pele e, com o ferro vincador,

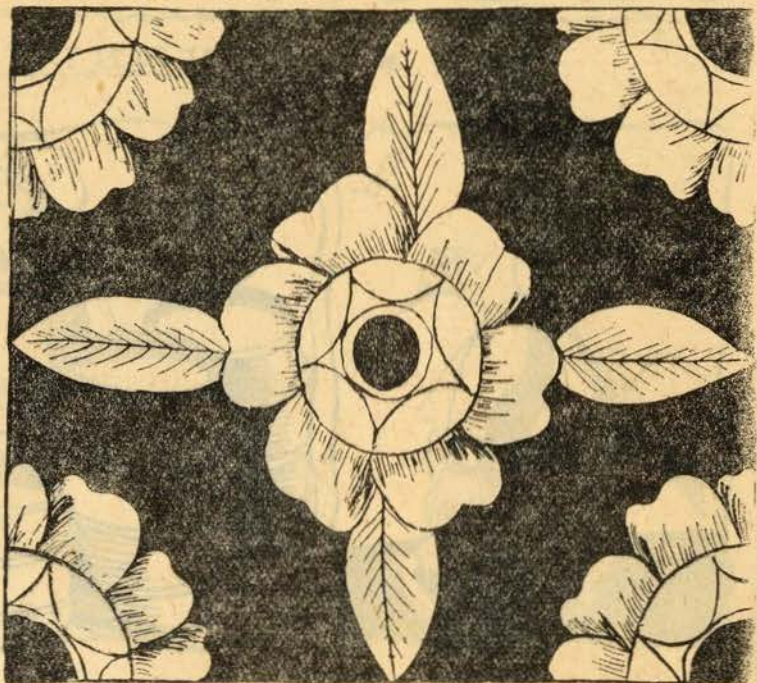


Fig. - N.º 1

acentuam-se, com força, os traços do desenho, para ficarem bem marcados. Com o vincador, carrega-se na pele, para a baixar, a-fim de ficarem em relêvo os traços. Em estando seca, pinta-se a pele que não foi trabalhada com tinta «Coreina», em castanho ou azul, ficando o desenho da cor da pele.

Também fica interessante e é mais moderno o trabalho executado a ferro «matoir», para gravar em cabedal. Coloca-se o ferro sobre a pele molha-

da, dando com um martelo uma pancada seca e forte, sobre o ferro. No fundo do ferrinho, está uma flôr gravada que fica marcada no cabedal. Cobre-se a pele, o fundo que não tem desenho, com essas florinhas, dando sempre no ferro uma pancada forte e tendo o cuidado de ter a pele molhada. Quando a pele estiver completamente seca, pinta-se todo o trabalho por igual, fundo e desenho, com a tinta «Coreina». Em castanho imita o Couro da Rússia.

UM BÔLO PARA O ANO NOVO

Tão belo e apetitoso, como apeetece comê-lo! Vamos, pois, rapidamente, tratar de transformar esta

sequitória visão em optima realidade! E só lerem, com atenção, a receita e executarem-na tal qual ela vos ensina.

Primeiro escolhem uma fôrma de lata comprida e estreita, ou, na falta desta, outra de qualquer feitio.

Untem-na com manteiga e assim ficará pronta a receber a massa, logo que esteja bem batida.

Depois, deitem numa tijela, 3 ovos inteiros e igual peso de manteiga, açúcar escuro e farinha de trigo. Batam muito bem e, por fim, juntem-lhe uma chávena de chá, cheia de corintos e sultanas e uma colher de doce de fermento inglês.

Liguem rapidamente, deitando esta massa na fôrma e metam em forno quente.

Para que as passas, corintos e as sultanas não fiquem tôdas no fundo do bôlo, é preciso envolvê-las, primeiro, em farinha de trigo, o que se faz deitando um pouco de farinha na chávena onde elas estão e chocalhando-as durante algum tempo.

Experimentem esta receita e não-deverão ver que se não limitam a fazê-la uma só vez!

Vossa sempre amiga

ABELHA MESTRA.



OS DOIS FANHOSOS

★ ★ ★ Por VENTURA ★ ★ ★



A feira de Santarem,
Para comprar uns barris,
Vai um fanhoso de Ourém
Que fala só p'lo nariz.

Segue p'lo mercado adiante,
Em busca desta fazenda
E pergunta a um feirante
Que ali tem barris à venda:



—*«Por isto quanto pèdis?...»*
Quiz o destino, porém,
Que o vendedor dos barris
Fanhoso fôsse também.

E à pergunta nasalada,
Que lhe faz o comprador
Responde: —*«Vã de abalãda!*
Deixe-me câ por favor!...»

Já entre os dois, de perrice,
Segue o diálogo assim:
—*«Deixe-me em paz, jã lhe disse!...»*
—*«Não faça pouco de mim!...»*

Cada qual, desta maneira,
Começa, logo, a julgar
Que o outro, de brincadeira
O está querendo desfrutar.



Ganha calor a disputa
E, ambos, desconfiados,
Se preparam para a luta,
De braços arregaçados...



Alguém se põe de perneio
E, por fim, se aclara tudo.
.....
Meninos, olhem que éfeio,
Que é feio ser-se peludo!

Atendam êste preceito:
O ser-se desconfiado,
Além de ser um defeito,
Dá sempre mau resultado.